

MINHA RUA CONTA HISTÓRIA



INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO MUCURI

RUA DIREITA

Gilberto Ottoni Porto

Engenheiro civil, sanitarista e urbanista, sócio fundador e conselheiro do Instituto Histórico e Geográfico do Mucuri

A capa deste livro apresenta uma foto da “Rua Direita”, tirada da esquina da mesma com a Praça Tiradentes, na década de 1920. Esta foto foi retirada do livro “Retalhos de uma História” de autoria de Ricardo Rodrigues e gentilmente cedida pelo mesmo.

Mais que qualquer outra, esta rua retrata e representa a cidade de Teófilo Otoni.

Foi a primeira a ser demarcada, em 07 de setembro de 1853, quando o engenheiro Roberto Schlobach, com o seu teodolito, alinhou-a na direção norte-sul verdadeiro, seguindo projeto do engenheiro Cristiano Benedito Ottoni. Com seus 13 metros de largura, ligava as praças Tiradentes e Germânica, que até meados de 1930 eram bem maiores que as atuais. A Tiradentes tinha o dobro da área, indo até o Mercado Municipal e a Germânica, o quádruplo, indo até a rua Dr. Mário Campos e a Rua Engenheiro Pimenta. Por ela passavam todas as mercadorias, transportadas por animais, tropas, carroças e demais veículos que trafegavam pela Estrada de Santa Clara.

Parte integrante da grande artéria que ligava Minas Novas, Serro e Diamantina ao mar, era o trecho mais importante, dessa que foi a primeira estrada de rodagem, em grande extensão (180 Km) do Brasil, construída com esmero por engenheiros, com rampa máxima de 5% e tendo pontes em todos os rios e córregos.

Na Praça Tiradentes ficava o escritório da Companhia do Mucuri, com seus armazéns e guarita de controle.

Esta Estrada merece ser homenageada, conservando o nome de Rua Santa Clara, pelo menos no trecho, entre o final da Rua João Lopes da Silva, logo após o pontilhão da EFBM, e a entrada da fazenda de Geraldo Porto; trecho este que passa em frente à capela de Santa Clara.

Ruas longas, que cortam vários bairros, podem ter vários nomes, desde que este nome fique o mesmo, dentro do bairro; como podemos constatar no Rio de Janeiro, nas ruas que servem os bairros de Ipanema e Leblon, que mudam de nome quando muda o bairro, facilitando a identificação do local.

É emocionante sentir a nossa escritora Hilda Ottoni Porto Ramos (Didinha), no seu livro “Memórias Vivas... Vivas Memórias...”, na página 46, descrevendo a Rua Direita da sua infância, na década de 1920:

“Sinto-me no momento aquela menina com cinco anos de idade, vendo papai escrevendo letras para as músicas carnavalescas (1922). Carnavais famosos dos anos vinte com a disputa entre Abóboras e Flores. Representavam os dois partidos políticos “viuvinhas (Dr. Epaminondas) e sabiás (Dr. Alfredo Sá)”. Papai ensaiava as Abóboras no lado oposto da rua, na residência dos Rievers. O Corso era importante, minha rua ficava linda, onde desfilavam carros alegóricos em cortejo. Lembro-me uma abóbora enorme se movimentando, abrindo e fechando; no centro belas morenas sorridentes se alternavam: senhoritas Auta Ramos (filha do Coronel Quincas Ramos), a baianinha Edith Álvares (filha do abastado comerciante Pedro Álvares e sobrinha de Turíbio Álvares)”.

“As Flores também tinham um belo carro grande, com uma Margarida exibindo no centro a Laura Ione de Oliveira. As Oliveiras moravam na Rua das Flores, hoje Manoel Esteves. Serpentinhas coloridas formavam uma esteira unindo os carros fazendo fita no Corso, recebendo aplausos do povo que seguia a pé, geralmente com fantasias: pierrôs, colombinas, palhaços etc.”

Outra conterrânea Ivana Ottoni Pereira, também moradora da Rua Direita, já com o nome de Getúlio Vargas, na esquina com a Rua Visconde do Rio Branco, em um artigo do jornal “Visão dos Vales”, de 17 de janeiro de 2011, com muito estilo e propriedade comenta sobre o fechamento do Armazém Oliveira de Rui David, em frente a sua residência, com suas lembranças da infância:

“O café torrado na cúpula de vidro e moído na hora, enchendo o lugar daquele odor característico, forte e agradável. A manteiga vendida a quilo, retirada do tonel com uma grande espátula de madeira e pesada na balança de metal, sobre um papel impermeável. O exalar do delicioso perfume de baunilha, ao abrir-se a lata e dela retirar com uma colherinha, uma mínima porção de pó branco e finíssimo.

Aquele cheiro do armazém. Todo mobiliado de madeira. Os balcões, as prateleiras, os caixotes de cereais. Ainda hoje posso escutar a algazarra dos periquitos e canarinhos expostos

na calçada, nas suas gaiolonas e com todas aquelas cores fascinantes! Perdia minutos ali a observá-los, encantada.”

Pela Rua Direita passavam, não apenas os cursos carnavalescos, com seus carros alegóricos e blocos caricatos, mas, também, as grandes procissões do Encontro e do Enterro, na Semana Santa, bem como a de “Corpus Christi”, com a pista toda atapetada de serragem multicolorida, apresentando desenhos maravilhosos. As paradas comemorativas do 7 de setembro com o desfile das escolas e suas bandas afinadas, além dos disciplinados soldados do Tiro de Guerra, com suas vistosas fardas.

Não podemos esquecer também do “footing”, à noite, em frente ao Cine Vitória e antes de começar o cinema, onde rapazes e moças se relacionavam na expectativa de algum namoro.

É seguramente a rua que condensa os grandes acontecimentos de nossa história urbana. Infelizmente o seu nome original, “Rua Direita”, escolhido pelo próprio Teófilo Benedito Ottoni em 1853, pela relevância que esse nome representava na época no Rio de Janeiro, cuja Rua Direita era a rua de referência do comércio e das finanças, e onde o mesmo Teófilo tinha a sua casa comercial; não foi respeitado pela “Junta Revolucionária da Salvação Pública”, local, que no dia 5 de fevereiro de 1931, pelo Decreto nº 717, assinado pelo prefeito do município, Turíbio José Álvares, alterou o seu nome para “Rua João Pessoa”.

Este ato de força, autoritário, merece ser reavaliado em nossa conjuntura democrática. O nome atual de Getúlio Vargas foi dado posteriormente, e poderia ser dado a outra rua ou praça sem prejuízo da merecida homenagem ao presidente que nos legou a moderna legislação trabalhista.

Por 77 anos o nome original foi respeitado, e merece ser reconsiderado, pois a maior cidade do país, São Paulo, conserva a sua Rua Direita e a nossa antiga capital Ouro Preto, também mantém a sua.

Esta prática de renomear ruas precisa ser mais bem avaliada em nossa cidade para não cometer injustiças com os seus pioneiros. O Coronel Ramos, Marcelo Guedes e Turíbio Álvares, não podem ser esquecidos pela municipalidade que ajudaram a construir.

As nossas ruas nos contam histórias, não apenas pelos personagens que elas homenageiam, mas também pelas memórias que suscitam em cada um de nós ao longo de nossas vidas. É preciso valorizá-las e registrá-las, publicando as diversas crônicas que compõem essa colcha de retalhos e que nos auxiliam a reconhecer, nos contextos, um padrão da construção da vida da cidade que humaniza os nossos logradouros.

Referência:

Porto, Gilberto Ottoni (org.) Minha Rua conta história. Teófilo Ottoni: IHGM. 2014,p.19